

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

A peregrinação de Novembro 13

No dia 13 de Novembro próximo passado realizou-se a primeira peregrinação do ciclo menos movimentado das peregrinações mensais ao Santuário Nacional de Nossa Senhora da Fátima correspondente ao vigésimo segundo ano depois das aparições da Rainha do Céu aos inocentes pastorinhos de Aljustrel.

Como costuma suceder durante as duas quadras frias e agrestes do Outono e do Inverno, não se efectuou na véspera à noite a procissão das velas.

Até cerca das dez horas da manhã, o dia esteve um pouco enevoado, mas nesse momento, o nevoeiro dissipou-se por completo, o firmamento clareou em toda a sua amplitude e o astro-rei apareceu cheio de esplendor já próximo do zénite envolvendo a terra nos seus raios tépidos e acariciadores.

Os actos religiosos habituais foram celebrados no altar do Pavilhão dos doentes erguido em frente da Capela das confissões. Houve cerca de mil comunhões. E mais teria havido se fossem mais os confessores, raros por ser Domingo.

Ao meio-dia solar, a augusta Imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na capela das aparições foi conduzida processionalmente para junto desse altar.

Celebrou a Missa oficial o rev. dr. Galamba de Oliveira que, no fim, deu também a bênção individual aos doentes e a bênção geral à multidão dos fiéis com o Santíssimo Sacramento.

Ao evangelho subiu ao púlpito o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Dom João da Silva Campos Neves, Bispo Titular de Vatarba e Au-

xiliar de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa.

O venerando Prelado que assistiu a toda a Missa começou por dizer que os portugueses eram conhecidos em toda a par-



Lisboa — Imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na sua nova igreja da capital.

te pela sua devoção ao Santíssimo Sacramento e pela sua devoção à Santíssima Virgem. São estas as duas grandes devoções de todo o cristão que se presa deste nome e ao mesmo tempo as duas grandes devoções nacionais. Se a estas duas houvessem de acrescentar mais alguma, para a praticarem também com singular fervor, seria sem dúvida a do glorioso Patriarca S. José, Chefe da Sagrada Família de Nazaré.

E, a propósito da Família, o ilustre Antístite falou da necessidade de todas as famílias tomarem por modelo essa Família, a mais santa que jamais passou pela face da terra.

Terminada a cerimónia do canto do «Adeus», depois da recondução da veneranda Imagem de Nossa Senhora à sua capela, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Dom João, Bispo de Vatarba, presidiu ao casamento de sua sobrinha, a senhora D. Ana Serra da Silva Campos Neves, com o sr. Henrique Veiga de Macedo, ambos naturais de Penela, celebrando em seguida o Santo Sacrifício da Missa e dando as bênçãos nupciais.

Assistiu também a todos estes actos o rev. P.^o Augusto da Silva Campos Neves, irmão do venerando Prelado.

Entre os peregrinos encontrava-se uma senhora chinesa, de Changai, que é assinante da «Voz da Fátima» desde o início da sua publicação e que já há muitos anos nutria o desejo ardente de visitar o Santuário das aparições da Fátima, desejo que finalmente conseguiu realizar com grande e inefável consolação da sua alma profundamente piedosa

e devotíssima da Santíssima Virgem.

Havia peregrinos de várias terras, até de longe, entre os quais se notava o Patronato de S. Vicente de Lisboa que teve missa própria na capela do Hospital, celebrada pelo seu extremo Director Mons. Esteves, prior da mesma freguesia.

O tempo conservou-se bom até à noite. Reinava no ambiente da Fátima uma paz singular que mais prendia os peregrinos muito mais numerosos do que de costume nesta época do ano.

Visconde de Montelo

Houve alguma filha de Israel que não alimentasse a mais pura e suprema esperança, a santa possibilidade de poder ter o maior de todos os privilégios, este, de ser escolhida para Mãe do Redentor?

Era uma vocação, por assim dizer, a que todas as filhas da real casa de David num período da sua vida deviam ter aspirado.

Com que arrebatamento de estática alegria não teria recebido qualquer virgem da Judeia o aviso de que ela era a escolhida por Deus? Escolhida entre todas para Espôsa do Espírito Santo, e Mãe do Filho de Deus?

Não foi a nenhum majestoso palácio da judaica que o mensageiro do Altíssimo foi mandado. Foi a um pequeno casebre edificado no fundo de um precipício numa rua estreita, que o anjo S. Gabriel dirigiu os seus passos, a um desprezível casebre de um carpinteiro da desconhecida aldeia de Nazaré, na Galideia. Com os olhos da fé, nós vemos-lo parar reverente àquela porta, como se se sentisse indigno da missão de que fôra encarregado, e entra pelo silêncio da meia noite, e encontra uma virgem de 15 anos devotamente ajoelhada em oração. Ao ouvir a mensagem do Anjo, a Virgem perturbou-se; não se alegrou, mas afligiu-se. Quando Santa Isabel sua prima felicitou esta bendita Menina e proclamou a sua grandeza como a escolhida Mãe do Redentor, Maria nada atribuiu a seu merecimento, mas tudo à bondade de Deus, cujos louvores começou a cantar nesse jubiloso hino que os ouvidos nunca tinham ouvido: «A minha alma louva e exalta o Senhor».

Por que é que Deus assim vos amou a Vós, Senhora, a mais bela e melhor das mães, a ponto de vos oferecer tão notável honra, a honra de serdes a Mãe do seu próprio Filho? A sua amável resposta seria certamente esta: «Não foi por minhas riquezas, nem pela minha ciência, nem pela minha posição social. Nada disso eu tinha. Por que Vos escolheu Ele então dentre todas as mulheres?»

Se a escutarmos com atenção ouvir-lhe-emos esta simples palavra: Porque Ele se dignou pôr os olhos na humildade da sua escrava. Idêntica resposta de-certo ouviremos ao fazer-lhe a pergunta: «Porquê a Fátima?».

(1) Não é verdade, visto que São Paulo, São Tiago ou algum dos seus discípulos imediatos pregaram o Evangelho na nossa terra.



ÀS MÃES

D. Filipa de Vilhena
por Moss.

Na galeria gloriosa das mulheres consagradas pelo amor da Pátria, avulta a figura heróica de D. Filipa de Vilhena.

Não há de-certo um só português que desconheça o nome de tão nobre senhora e o gesto varonil que vincou a sua memória nas páginas brilhantes da História Portuguesa, feito que é um exemplo para as mães da nossa terra, feito que é um índice do valor, da ténpera da alma da mulher quando animada de altos e sublimes ideais.

O jugo filipino tornara-se opressivo e insuportável para o génio indómito dos portugueses, a ânsia da liberdade e independência reprimida durante sessenta anos, não podia mais conter-se. Por isso um punhado de patriotas iria num supremo esforço sacudir o estrangeiro expondo e arriscando nessa empresa as suas próprias vidas.

D. Filipa de Vilhena cuja vida era enflorada pela mocidade exuberante de seus dois filhos, dois valentes e nobres mancebos, não hesita em sacrificá-los no altar sagrado da Pátria. É ela que, longe de extinguir, alimenta e ateia a chama de amor pátrio que arde bem viva, no coração generoso dos dois moços, duas crianças ainda, que a gravidade do momento torna homens.

É ela, mãe corajosa e sublime, que na véspera do dia 1.º de Dezembro em que devia rebentar a revolução da independência, com o coração de-certo bem angustiado pelo receio de perder os seus filhos, mas com mão firme e decidida, os arma cavaleiros, lhes entrega a espada com que deviam defender a liberdade da sua terra.

Mães portuguesas, mães que estremeceis os vossos filhos, quem sabe o dia de amanhã? Quem sabe se sacrifício semelhante vos será pedido? Se Portugal precisar dos vossos filhos, não hesiteis em dar-lhos generosamente: sabei recalar no fundo do vosso coração a dor para afrontardes resolutamente o caminho do dever àqueles que Deus vos concedeu como um dos bem mais preciosos dons; sabei fazer deles bons e leais portugueses, ensinai-lhes a amar Portugal; ensinai-lhes que a seguir a Deus, a Pátria deve ser o nosso segundo amor.

Porquê a Fátima

(Artigo de um Oriental, devoto de Nossa Senhora da Fátima, na revista de Cochim «Our Lady of Fátima»)

Quando uma pessoa lê ou ouve as maravilhas da Fátima, uma espécie de inveja que não deve ser pecado se levanta no nosso coração e uma espontânea pergunta assoma aos lábios — «Porquê a Fátima?»

Nossa Senhora não era descendente de Portugueses. Por nascimento e domicílio na terra Ela pertencia ao nosso vasto continente. Ela era Asiática. O seu Divino Filho nasceu na Ásia. Então por que é que Ela nos deixa e prefere uma insignificante montanha de Portugal às nossas tão grandiosas? — «Porquê a Fátima?» Não há porventura montes lindos nas nossas terras? Porventura Portugal possui montanhas tão grandes, elevadas e majestosas como o nosso Himalaya?

A ciência que conquistou toda a natureza na sua marcha triunfal de progresso, fica admirada perante o monte Everest.

Nem estrada nem caminho de ferro pôde ela construir para essa eterna região.

Não há montes cobertos de neve como os nossos. Então, «Porquê a Fátima?»

Talvez a nimia claridade da neve menos agradável do que a fresca verdura...

Se assim é a nossa querida Mãe poderia poisar os seus pés na incomparável variedade de cores, desde o mais verde escuro das florestas até às mais suaves sombras das ondulantes dunas. Vós védes esse admirável panorama que se desentrola aos vossos olhos assim que contempiais a terra desde o vosso trono no Céu, e apesar disso... preferis a Fátima?

Não vos tomámos por Mãe há mais tempo? Antes, muito antes, que

Portugal fôsse cristianizado (1), nós já tínhamos recebido a Fé por intermédio do grande apóstolo S. Tomé. Nós no Malabar vangloriamos-nos de que aqui, no meio de nós, vivem os descendentes daqueles antigos cristãos que foram baptizados pelo Apóstolo S. Tomé.

Então porque é, queridíssima Mãe, que não nos dais igual preferência, ao menos essa que mostrais com esses que se fizeram tão tarde discípulos do vosso divino Filho? Porque é que preferis a Fátima? Desde que os Judeus receberam a promessa dum Redentor sempre os homens e mulheres sequezes desta fé pediram a Deus pela sua vinda. O Velho Testamento está cheio de lindas orações que nos referem o anelo dos seus corações: «Céus rotai, nuvens chovei-nos o Justo. Abra-se a terra e germine-nos o Salvador. Excitai o vosso poder, Senhor, e vinda vós que nos podeis salvar etc., etc.».

Uma peregrinação

por Catarina de Hueck

O automóvel torcia e contorcias-se ameaçando parar quando iam subindo pela estrada que de Leiria conduz ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima. Fomos assim caminhando longo tempo. Ao longe ficavam as frescas praias de Portugal. Como numa visão passageira tínhamos voado por entre férteis vinhedos e campos de oliveiras e figueiras. Perderamos a conta a inumeráveis aldeias brancas e asseadas com suas ruas estreitas e tortuosas, cercadas lindas igrejas, todas uma formosura de arte e arquitetura Portuguesa. Já se não viam as quintas que nos impressionavam com seus frescos jardins, casas antigas, grandes e pitorescas, dormindo comodamente à sombra convidativa de velho arvoredos.

Cercam-nos montes alcantilados e escabrosos. Aqui e ali esconde-se uma pequena aldeia debaixo de rochas, admirando como ela ali se pôde formar. Mais além algumas casas fundem-se com a paisagem. Já se não descobrem nem figueiras nem oliveiras! nem sequer se encontra o esguio e robusto pinheiro, o chão é todo pedra seguida vive apenas por ali a vontade a urze naquelas alturas. O sol queima desapidado, de sorte que até naqueles montes o calor é sufocante. A borda da estrada um pó fino branqueia os campos e as árvores pelo rodar dos carros. Gente do campo com o seu traje nacional passa junto de nós. Passam grupos a pé, cantando hinos e rezando o Rosário. Como nós, também eles são peregrinos a caminho da pequenina aldeia da Fátima, onde a 13 de Maio de 1917, Nossa Senhora do Rosário, hoje conhecida pelo mundo fora por «Nossa Senhora da Fátima» milagrosamente apareceu a três pastorinhos. Desde então, sem excepção, pelos anos fora multidões de peregrinos vão, no dia 13 de cada mês a orar, a pedir socorro material e espiritual. Alguns atribulados encontram ali a paz, e outros doentes a saúde do corpo. Nunca mais acabaria se quisesse enumerar todas as bênçãos.

Vão uns a pé, outros em jericós, outros em carros já velhos, em automóveis e camionetas, todos a rezar ou cantar. Todos se sentem atraídos para o mesmo sítio na véspera do dia 13 de Julho de 1937. Vê-se ali pintado Portugal antigo e contemporâneo. Ali se vêem a Senhora rica vestida à moda viajando num Packard modelo de 1938, e a mulher pobre da aldeia, descalça, trajando como há séculos se usava, a pé ou sentada num pequeno jumento.

Entre a multidão vêem-se homens de alta posição na sociedade e homens da aldeia, pobres e mal vestidos. São todos um na sua grande fé, formam uma família, todos irmãos em Cristo, todos filhos do nosso Pai do Céu e da nossa mãe, a Santa Igreja.

Vamos subindo cada vez mais até que o cansado motor parou num planalto daquela região. Daqui podemos descobrir ao longe um grandioso panorama, onde se descobre a sinuosa estrada, os coloridos fatos dos peregrinos que passam, campos ao longe, e no fundo do horizonte o mar azul. Mas não nos interessava muito o panorama. A multidão dos peregrinos ia crescendo mais e mais. De repente aparece-nos a 1.ª cruz da Via Sacra, uma simples cruz de pedra da região. Tudo pára a rezar as orações costumadas. Depois a curiosa procissão do velho e moderno Portugal passa à seguinte estação e assim por diante até à última. Mais uma volta e estamos no Santuário.

Uma extensão rasa no alto de um monte pedregoso temos agora diante dos olhos, com apenas uma grande árvore cuja sombra apara os raios de um sol ardente. Uma estreita estrada cerca-o por uma banda, e alinhadas ao lado uma série de barracas onde se vendem artigos religiosos e alimentos porque os peregrinos também têm de comer. A distância vêem-se mais barracas e uma casa nova muito feia com um letreiro «Casa da Sagrada Família». Não se vêem mais edifícios desta banda. O campo

onde se ergue o Santuário está cercado por uma parede pequena com uma abertura onde estão uns portões bem desenhados. Dentro deste recinto está um hospital novo que se nota pela sua brancura e uma casa espaçosa para Retiros. Estes edifícios escondem-se à vista do peregrino que entra pelas portas do Santuário que fica mesmo no centro do recinto. Este Santuário, a pequenina capela de Nossa Senhora da Fátima, foi construída pelo povo no próprio local das aparições. Outra construção ao pé cobre a fonte, a única destes sítios áridos. No extremo do recinto fica a basílica, de estilo simples e austero que está em construção.

Mas toda esta descrição de edifícios é de interesse secundário. O facto mais importante é que nós estamos pisando a terra santa onde por 6 meses consecutivos no ano de 1917, no mesmo dia de cada mês, apareceu a Mãe de Deus, primeiro só a três pobres crianças, e depois diante duma multidão de 70.000 pessoas.

Olhamos com reverência em volta de nós. O largo espaço estava cheio de peregrinos. As faces da pobre e humilde gente da região pareciam-me brilhar com uma luz de fé que as tornava sublimes. Muitos ajoelham na terra nua e pedregosa, outros devagar e não sem grande custo, sem dúvida, em cumprimento de promessas, vão-se arrastando de joelhos desde a estrada para a capela do Santuário, uns 200 metros. Outros descansam à sombra da solitária e velha azinheira. O sol depressa se pôs atrás dos montes. Sobreveio uma noite suave e estrelada. Onde é que dorme esta gente? Não dormem, rezam toda a noite. A pouco e pouco o recinto enche-se completamente. Homens, mulheres e crianças, agora indistinguíveis sombras, movem-se em longa fila cada um com a sua vela acesa na mão. É a procissão da noite, uma longa corrente de luzes que brilham na escuridão como um rio de estrelas. Por toda a parte serpeia a multidão cantando um conhecido hino a Nossa Senhora. Por fim toda a procissão chegou ao alto do recinto, onde, ao ar livre, se levantou um grande altar. Aqui, Sua Excelência o Bispo de Leiria, esperava a chegada da procissão. As filas de luzes desfizeram-se e tornaram-se uma massa, compacta. Ouvia-se a voz do órgão e um coro de milhares de vozes cantando o lindo hino «O Salutaris Hostia» quando o Santíssimo Sacramento foi colocado num trono adornado de flores. O Sr. Bispo com os seus trajes brancos e encarnados iluminados pela luz das velas prega à multidão. Passam-se duas horas em adoração. Estas duas horas tornaram-se uma devoção nacional. São consideradas como um dos meios com que se salvou Portugal. Há mais de 20 anos que esta devoção é praticada por milhares de Portugueses que vêm no dia 13 de cada mês a rezar pela sua pátria e pelas suas intenções à Virgem Santíssima que se dignou aparecer neste ermo a três humildes pastorinhos. Eles vêm porque desde tempo imemorial foi esta uma das maiores devoções dos Portugueses. Durante séculos foi costume dos Reis de Portugal colocar as suas coroas sobre a cabeça da Rainha do Céu, tornando-a assim, como de facto era, Rainha de Portugal. A quem, pois, devia o povo recorrer na hora de aflição e angústia senão a Maria, a sua celeste Rainha?

E Maria ouviu as suas preces. De há 10 anos para cá a paz e felicidade voltou a Portugal. E a grande ameaça de Comunismo e o seu aliado, o Ateísmo, que tão de perto o tem ameaçado, tornaram-se sombrias nuvens que se afastaram e que já se não receiam. «Nossa Senhora da Fátima rogai por nós... N.ª S.ª da Fátima, ouvi-nos...» E Ela continua a atender as suas orações. Distribui milhares de favores pelos seus queridos filhos em Portugal. Os doentes saram, os coxos andam, os cegos vêem. E não só cura os corpos mas também as almas dos seus filhos. Abundam as conversões, aumentam

as vocações religiosas e sacerdotais; a religião volta ao esplendor doutro-ra nesta pobre e perseguida terra. Reavivada toda a nação, respira-se um ar mais puro. «Nossa Senhora da Fátima tende compaixão de nós!»

As duas horas de adoração chegaram ao fim. O SS.ºº continua exposto, no altar, à sombra das estrelas que brilham no firmamento enquanto a aveludada escuridão da noite forma o fundo do quadro.

Semelhante a um poderoso órgão, as vozes da multidão repetem a unísono: «Deus seja bendito. Bendito o seu santo Nome». A alma sente-se elevada num êxtase de felicidade e satisfação. «Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem...». E lá longe na Rússia neste mesmo momento blasfemam-no e gritam: «Crucifica-o! crucifica-o! porque nós não temos Deus». «Bendito seja o seu SS.ºº Coração!...» Aquêle que tanto amou o mundo, e a quem o mesmo mundo esqueceu num louco frenesi de luxúria e de sangue. A oração continua e com ela os nossos corações expandem-se, porque este é verdadeiramente um lugar santo. «Nossa Senhora da Fátima socorrei os filhos lá do Canadá e da América», ajuntávamos nós em voz baixa. «Nós necessitamos também tanto... Tende piedade de nós... Rogai por nós...»

Tinham passado as duas horas. Agora começam as Horas Santas para cada Paróquia que ali viera em peregrinação. São elas que ocupam o resto da noite.

Mas nós achámo-nos cansadas e com algumas outras pessoas retirámo-nos a uns pequeninos quartos muito assados que Sua Excelência Reverendíssima, o Sr. Bispo de Leiria, nos cedera na Casa dos Retiros. No dia seguinte de manhã, cedo, acordadas pela claridade do sol, apressámo-nos a ir à missa, e muitas eram as que se estavam dizendo ao ar livre. A multidão é maior que na véspera e são milhares de pessoas que recebem a sagrada comunhão. As Missas seguem-se sem interrupção até depois do meio-dia. A esta hora diz-se uma para os doentes num grande altar levantado à porta da futura basílica e no alto duma enorme escadaria.

Reparámos nas servitas vestidas de branco, correndo dum lado para o outro, e foi só então que soubemos em que elas se ocupavam. Tínhamos ouvido e lido que vinham, ali doentes e agora não sem comoção demos com os olhos nelas. Todos com grande fé, alguns quasi a morrer, sofrem imensas dificuldades para chegarem àquela serrania com uma longa e penosíssima viagem. Cá vêm eles numa lastimosa procissão de macas, levadas com jeitinho por homens cheios de dedicação que trazem aos ombros umas correias e alguns uma cruz vermelha, são os médicos. Com cuidado pousam as macas no chão, junto da escadaria. Jazem em filas de bancos outros doentes que se podem sentar cobertos por pequenos toldos.

O sol está extremamente quente e não corre brisa. Mas que importa? Está ali Deus e sua SS.ª Mãe. Quasi sem querer fixamo-nos no rosto dos doentes. Sentimo-nos como se tivéssemos cometido um sacrilégio indo para ali, ao ver a fé sobrenatural que

(Continua na 4.ª pág.)



Um tónico natural elaborado nos misteriosos laboratórios da Natureza. Um cálice de «pôrto» seco antes das refeições abre o apetite e dispõe admiravelmente o estômago para o ruído trabalho da digestão.

A perseguição à Igreja

«Por que me persegues?» «Eu sou Jesus a quem tu persegues»

Assim é. Saulo não toca, não fere, nem busca para prender e perseguir, a Jesus, que havia já ascendido ao Céu. Mas sim aos discípulos e seguidores do Mestre divino.

Pois Jesus afirma a Saulo e, para sempre, a todos os «Saulos» insensatos perseguidores dos seus, que é a Ele que perseguem.

Recebe os martírios infligidos aos que O amam.

E Ele o encarcerado, o caluniado e desprezado, o queimado e enterrado vivo, o odiado.

E o próprio Jesus na pessoa dos seus ministros, legítimos continuadores dos Doze, a quem sucedem sem interrupção, remontando aos primeiros que dos Apóstolos receberam pela «imposição das mãos» o poder e o «ministério do Senhor».

E Ele na pessoa de tantas virgens, livremente consagradas ao Serviço do Rei Eterno e ao serviço do próximo por Seu amor.

E também na dos fiéis perseguidos pelo seu Santo Nome — ante o qual, diz S. Paulo, todos os joelhos se dobram no Céu, na terra e no inferno.

«Eu sou Jesus a quem tu persegues!»

E, contudo, Saulo corria só atrás dos cristãos...

«Bem-aventurados sois quando vos odiarem e repelirem e carregarem de injúrias e rejelarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do Homem».

Mas aí daqueles que assim fizeram! E nunca poderão deter o triunfo da Boa-Causa.

Em todos os tempos «Saulos» poderosos e escravos de paixões más levantaram-se contra Cristo, perseguindo-O, caluniando-O e odiando-O no agregado dos seus filhos a que Ele deu o nome — nunca ouvido de «a minha Igreja».

Milhões de mártires, até hoje, têm dado sempre o sangue e a vida pelo nome de Jesus e pela sua doutrina:

E, com Cristo em si, a paciência e a generosa força de resistência e fidelidade desses bem-aventurados, têm sido o pasmo e a admiração do mundo e a glória e o afervoramento dos seus irmãos de creença.

E em todas as épocas, Cristo é odiado e amado. E a Igreja o gigantesco alvo dos ataques que Lhe dirigem. Ontem, hoje e amanhã, foi e será, contra Ele que se combate dum lado e por Ele que se luta do outro.

Mas Cristo, no seio da sua Igreja, é o eterno e amado vencedor. E Ela, com o Divino Mestre, é a eterna triunfadora.

E como têm sido terríveis as lutas travadas em prol do Redentor e gloriosas as suas vitórias! Quando os direitos de Deus, que são os seus, sofrem embate, quando os «Saulos» se erguem contra Jesus e o perseguem nela, logo que os fiéis são afligidos e a Fé sofre contradição, quem sai a campo raso e defende, inflexivelmente, forte e fiel, por todos os meios que lhe são lícitos, em toda a parte, contra tudo e contra todos, o Cristo vivo e a doutrina que nos legou? — A SUA IGREJA!

Foi assim nos dias de Saulo, nos que se lhes seguiram e assim é hoje. Se do alto do Vaticano — centro da Unidade do Catolicismo e trono terrestre de Jesus — não se bradasse às armas, levantando em todo o mundo, organizado, pacífico, mas generoso e activo, o exército de Cristo para combater contra as hordas anti-cristãs, sob o lema da Acção Católica, dentro de escassas dezenas de anos o Salvador e a Sua doutrina quasi nada representariam.

Quem aceitou a grande batalha em face da arremetida dos que negam a Deus e ao seu Cristo?

Os protestantes divididos em mil seitas contraditórias?

— Outra qualquer confissão que se diz religiosa?

Os admiradores de Jesus afastados de qualquer credo — pontífices

ridículos duma religião individual, forjada para uso próprio?

Oh! não. Esses deixam-se ficar tranquilos ou permanecem impotentes ante o inimigo que avança, quando não acabam até por simpatizar com ele. Se alguma coisa fazem é tão disperso, constitue tão pequeno obstáculo, que os adversários desprezam e mal vêem.

A honra da luta e o mérito do ódio que persegue (e pelo qual ela é bem-aventurada), do embate feroz e dirigido por todos os meios, são dados à Igreja Católica, que encontram logo pela frente. A ela reconhecem-lhe o poder, a força indomável duma Unidade e disciplina únicas no mundo; sentem-lhe o valor e não podem negar-lhe o pósto gigante que ocupou no passado e ocupa no presente, desde que Cristo a fundou. Sabem, sem sombra de dúvida, que é preciso vencê-la em 1.º lugar para depois dominar no novo mundo pagão que desejam.

Esquecem então que se o Senhor disse: «Eu sou Jesus a quem tu persegues» afirmou também: «Eu venci o mundo!» E quem é tão forte que vença a Cristo? Insensatos! No meio do seu furor não atendem à formidável lição de 20 séculos. Não vêem que ruíram impérios e religiões seculares; sucederam-se as idades e passaram todos os poderes que O perseguiram. Não meditam neste continuo rolar de dois mil anos ao cabo dos quais «Cristo na Sua Igreja é ainda e sempre o mesmo Senhor tão amado, o mesmo Rei cegamente obedecido». Fecham os olhos ao milagre da vida viva do Rebanho do Bom Pastor duas vezes milenária, que caminha vencendo e multiplicando-se século a século! Não querem ver como a Igreja sai mais pura e iluminada de cada luta, mais forte e unida de todas as perseguições, mais esclarecida depois da maior confusão. Cegos! Surdos!

«As portas do inferno não prevalecerão contra elas!» As palavras de Cristo cumprem-se! Jamais passarão!

O segredo do seu perene triunfo está em que, quando a perseguem é a Cristo, que perseguem e Cristo é invencível!

Maria das Flores

Uma senhora consegue reduzir meio quilo de peso por semana, durante 20 semanas

Encantada com o sucesso obtido

Gostaria de perder 10 quilos da sua gordura em 20 semanas e sentir, ao mesmo tempo, aumentar a sua energia e revigorar a sua saúde?

Pese-se ainda hoje, registre o seu peso, compre um frasco de Sais Kruschen, tome meia colher de chá destes sais, num copo de água morna, todas as manhãs, durante um mês e torne-se a pesar. Ficará maravilhada com a diferença de peso. Uma senhora de Fafe, que fez esta experiência, escreveu-nos dizendo que os Sais Kruschen operaram verdadeiros prodígios. Pesava 69 quilos há 5 meses. Agora pesa apenas 59 e sente-se muito melhor. Está radiante, por ter tomado Kruschen.

Kruschen combate a causa vulgar da gordura, por limpar o organismo das substâncias alimentícias não digeridas e dos detritos acumulados. Desde que estes detritos não sejam regularmente expelidos, a natureza converte-os em tecido adiposo.

Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmácias.

Graças de N. S. da Fátima O Natal da Lindita

NO CONTINENTE

D. Maria Beatriz da Costa Gomes — Vila do Conde, diz ter recebido do céu uma graça insigne por intermédio de N. S. da Fátima. Agradecida por tal favor aqui vem manifestar o seu reconhecimento.

Igual reconhecimento, deseja a sr.
D. Augusta Alves — Vila Verde, aqui manifestar, pois, tendo invocado Nossa Senhora da Fátima, recebeu uma graça particular que atribue à sua Maternal bondade.

Miguel dos Santos — Algarve, deseja agradecer na Voz da Fátima diversas graças que obteve do céu por intercessão de Nossa Senhora e de S. Rita de Cássia, depois de algumas orações e promessas que lhes fizera.

D. Maria Ana Sena — Lisboa, diz: «Desde que nasceu minha filha nunca mais tive saúde, sentindo nos membros inferiores uma fraqueza tal que só podia andar de carro. A cabeça estava tão fraca que, por vezes, não me segurava de pé. Sofria também de grandes aflições do coração. Assim passei 11 meses. Depois, já cansada de tanto sofrer, recorri à N. S. da Fátima para que me alcançasse alguns alívios. Não se fez esperar o seu valimento a pesar da minha indignidade. Hoje já ando completamente bem, podendo pegar na minha filha e fazer as minhas ocupações quasi como antigamente fazia. Além desta, tenho recebido outros favores de N. S. da Fátima pelos quais lhe deo esse manifestar aqui o meu público e sincero reconhecimento».

D. Teresa Ferreira da Silva — Guimarães, agradece a N. S. da Fátima o tê-la livrada de uma doença de coração da qual sofreu durante alguns anos.

D. Maria José Lopo Prata — Castelo Branco, pede a publicação deste relatório: «Vendo-me sobremaneira afilta, há algum tempo a esta parte, por saber que estava imminente e era mesmo fatal, por conveniência de serviço, a saída forçada de meu bom pai de um óptimo emprego que exercia há bastantes anos por outro que de forma alguma lhe convinha, já porque ia contrariar duramente o seu feitiço, já porque ia dalguma sorte transformar a situação mais ou menos desafogada em que vivemos; dirigi-me, possuída ainda desta aflicção, numa curta mas fervente prece a N. S. da Fátima de quem tantos prodígios tinha ouvido narrar, prometendo-lhe, se Ela me concedesse a grande graça que impetrava, levar no futuro vida mais piedosa e mandar publicar a referida graça. De facto, o auxílio de Nossa Senhora não se fez esperar, porquanto, dias depois resolvia-se tão difícil problema muito favoravelmente para nós. Por isso, muito grata e reconhecida venho agora, em cumprimento da minha promessa, agradecer a N. S. da Fátima tamanha graça».

D. Maria Raquel Barroco — Bouça Cova, tendo estado paralisada dum pé durante 6 meses, depois de recorrer à Nossa Senhora da Fátima começou a poder mover-se, e agora, completamente bem, vem publicar o seu agradecimento a Nossa Senhora, pela concessão de tal favor.

De **Reriz,** foi dirigida à Redacção da «Voz da Fátima», a carta seguinte: «P. José Coelho, agradece diversas graças temporais e espirituais que, por intercessão de N. S. da Fátima e de S. Teresinha lhe foram concedidas».

D. Maria Amabilíia Gonçalves F. da Costa — Arganil, diz ter tido sua filha Maria Cesaltina gravemente doente. Já sem fala e com aparência de estar prestes a expirar, causava dó à pobre mãe, tanto mais que já os médicos lhe haviam dito, tratar-se dum caso desesperado. No meio de tão grande mágoa, diz, voltara-se pa-

ra Nossa Senhora da Fátima, a quem fez diversas promessas e invocou em favor de sua filha.

Não foi em vão que recorreu a tão boa Mãe, porquanto sua filha começou logo a sentir-se melhor, chegando já a recuperar a saúde por completo.

Manuel Ramos de Faria — Vila do Castelo, diz ter alcançado por intercessão de N. S. da Fátima, e vem agradecer, diversas graças espirituais e temporais em favor de alguns membros de sua família.

Joaquim António Soares — Amoraia — Oeste, agradece a Nossa Senhora da Fátima o tê-lo alcançado a saúde para seu único filho gravemente doente. Embora lhe não tenha faltado com os recursos da medicina, diz reconhecer que a cura de seu doente se deve principalmente à protecção de Nossa Senhora da Fátima.

D. Berta Gândara Oliveira — Lisboa, diz: «Tendo meu filho sofrido sucessivamente uma pleurisia no lado esquerdo, uma peritonite, e outra pleurisia líquida no lado direito, depois de prolongado tratamento conseguiu curar-se. No entanto, ficou muito fraquinho, tanto mais que a peritonite tinha sido de muita gravidade, tendo deficiências no peso e diáfese. Sendo atreito a líquido nas cerasas, o médico vaticinou-lhe prováveis manifestações futuras.

Level-o ao Santuário da Fátima onde recebeu a bênção dos doentes no dia 13 de Outubro de 1934. Desde então começou a melhorar sensivelmente obtendo equilíbrio de peso e diáfese, a ponto de se encontrar hoje completamente curado. Cumpre-me, pois, vir agradecer muito reconhecida a Nossa Senhora do Rosário da Fátima esta tão grande graça que me concedeu, pedindo a publicação desta minha carta na «Voz da Fátima», o que desde já muito agradeço».

D. Amélia Pires — Pórtio, diz: «Tendo eu o meu netinho António Alberto gravemente enfermo e desenganado da medicina, voltei-me para Nossa Senhora da Fátima, prometendo publicar a graça da sua cura, se tal favor lhe fosse concedido. O pequeno obteve a saúde prontamente sem ter tomado mais medicamento algum. Agradecida por tal favor venho hoje pedir a sua publicação, ficando assim cumprida a minha promessa».

Benjamim de Almeida Santos — Pórtio, deseja agradecer na «Voz da Fátima» a concessão de uma graça temporal obtida por intercessão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

D. Maria José Franco Chorão — Fundão, diz ter obtido por intercessão de N. S. da Fátima uma graça temporal do Sagrado Coração de Jesus com a promessa da publicação de tal favor.

D. Albina Vilaverde Queiroz — Forjais — Espozende, com pedido de publicação, enviou à «Voz da Fátima» a carta seguinte: «A minha mãe, Rosa da Silva Vilaverde, com 72 anos, adoeceu gravemente com uma pneumonia dupla, agravada ainda com complicações cardíacas. Recebeu os tratamentos médicos prescritos para tais casos, mas a doença não cede, continuando na sua marcha destruidora, a pesar dos esforços duma Junta Médica. A minha mãe recebe os últimos sacramentos.

No meio de tão grande desânimo e dor, lembro-me de recorrer a Nossa Senhora da Fátima e, juntamente com 3 minhas irmãs e 5 netinhos do doente, principiámos com toda a fé e confiança uma novena em honra de N. S. da Fátima com a promessa de todos comungarmos no fim da novena. No quarto dia da novena a minha mãe sente algumas melhoras, e no quinto dia, o médico assistente, com grande admiração sua, declara a doente livre de perigo! Continuámos a novena até ao fim, continuando com ela as melhoras de minha mãe, e no fim todos

comungámos como havíamos prometido. Uma das netinhas, menina de 5 anos e meio, julgada pelo nosso Pároco suficientemente preparada, fez a sua primeira comunhão particular, oferecendo-a por sua avózinha.

Hoje a minha mãe, completamente restabelecida, já vai à igreja ouvir a santa Missa e receber a Sagrada Comunhão quasi diariamente.

Mil graças a Nossa Senhora da Fátima pelo insigne favor que se dignou alcançar-nos do céu!»

EM GOA

Do Rev. Sr. P. António Bernardo Gonçalves — Seminário do Rachel, foi recebido o pedido de publicação das quatro graças seguintes:

1.ª — **D. Mariuzinha Luís — Goa,** agradece a Nossa Senhora da Fátima um favor recebido por sua intercessão;

2.ª — **P. Hilário de Sousa — Goa,** deseja também manifestar o seu reconhecimento a Nossa S. da Fátima por um favor recebido;

3.ª — **Um Indú (gentio) de Neurá — Goa,** tendo a sua mulher muito doente, usou, por conselho dum cristão, a água do Santuário da Fátima, e obteve assim a cura de sua mulher.

4.ª — **Uma outra pessoa de Goa,** vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima um valioso favor recebido por seu valimento.

EM ANGOLA

D. Maria Lourdes da Rosa Lóbo, residente em Sá da Bandeira — Angola, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura da doença de seu marido que durante mais de um ano sofria de cólicas intestinais sempre reincidentes aos tratamentos médicos.

NO BRASIL

D. Luiza de Faria e Cunha — Manaus, recebera por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, que em seu auxílio fora invocada, um insigne favor do céu. Muito reconhecido por tal favor aqui vem manifestar o seu agradecimento.

NOS AÇORES

D. Maria do Carmo Espinola — da freguesia das Lagos — Terceira — Açores, vem cumprir a promessa que fez a Nossa Senhora da Fátima e a S. Rita, de publicar no jornal a cura de sua mãe que, gravemente ameaçada dum cancro, se encontra completamente curada depois de se ter entregue a seu poderoso valimento no céu.

D. Emilia da Silveira — Ribeira Sêca, pede a publicação de várias graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima a quem costuma recorrer nos momentos de aflicção em que por vezes se encontra na sua vida privada e familiar.

Arquidiocese de Braga

Está em 10.860 Trezenas, com a legião de 141.300 Associados, a organização formidável da Pia União dos Cruzados de Fátima nesta abençoada Arquidiocese.

Mais de 10.000 Missas foram já oferecidas, desde o principio, pelos Cruzados vivos e defuntos. Só no corrente ano, devem celebrar-se perto de 3.000 Missas!

Chefes de Trezenas: Não esmoreçais um momento só! Conservai os vossos grupos completos, obtendo cuidadosamente novos soldados para as vagas que se derem. Mandai diminuir os jornais que não forem precisos, ao Director Arquidiocesano, para que não se gaste em vão dinheiro tão precioso. E que no fim de Dezembro a vossa cobrança esteja em dia, para se fecharem as contas do ano.

Nossa Senhora vos ajude a dilatar o Reino do Senhor.

Advencia!

Como avezinhas ébrias de sol e de liberdade, as crianças, a pesar do esforço das catequistas, saíam em onda impetuosa da igreja e espalhavam-se pelo adro rindo e folgando numa chilreada ensurdecedora. Um pequeno grupo, porém, estacionara sob o pórtico alpendrado. No centro, uma rapariguinha de sete a oito anos olhava consternada ora um papel que tinha na mão direita ora uma bela estampa da Sagrada Família na Oficina de Nazaré que segurava entre os dedos da mão esquerda.

— Mas porquê é que não disseste à tua senhora, Lindita? perguntou-lhe uma.

— Tive vergonha...

— Oral vergonha é fazer coisas más e tu, se não fosses boa, não tinhas recebido santinho e senha para a camisola, atalhava outra.

— Eu cá, alvitrava uma terceira, escondia o santinho e amanhá, quando recebesse a camisola, dizia ao pai que tinha sido uma senhora que me tinha dado, e não estava com mais explicações.

— Vocês falam bem... respondia melancolicamente a Lindita. Mas se ele já anda desconfiado de que eu venho à doutrina?... Ficava logo apanhada!

— E então a tua mãe? inquiria a mais novinha, surpreendida de que se não desse ao caso a solução mais natural, isto é, a de apelar para o tribunal materno.

A Lindita baixou a cabeça e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

— A minha mãe não está em casa; há muito que não sabemos nada dela.

— Não chores... deixa lá!...

E todas, cada vez mais condoidas da pobre pequena, procuravam consolá-la.

— Anda... vem brincar!...

— Vou... mas é para casa! Adeus!

Resoluta e apressadamente desceu os degraus da igreja e perdeu-se entre o trânsito muito animado naquela tarde de 24 de Dezembro.

Depois de verificar que não era seguida pelas companheiras a pequena deixou de caminhar acelerada. E que, na verdade, não tinha pressa nenhuma de voltar para casa, de ver o rosto carrancudo e estafado do pai, de sofrer os modos desabridos do irmão, de lhes ouvir as palavras grosseiras ou maliciosas que repugnavam ao seu espírito já apurado pelas lições recebidas às escondidas, aos domingos e quintas-feiras, na igreja paroquial.

Trabalhavam eles ambos de marceneiro na mesma exígua oficina ao fundo da qual um tabique formava um pequeno aposento, o quarto deles, e um vão escuro em que só ela cabia de pé — o seu reduto — onde a pobrezinha rezava e sofria à sua vontade.

Véspera de Natal! A cada passo Deolinda — a Lindita — parava diante das montras apinhadas de brinquedos ou de doces, de artigos luxuosos e extravagantes, de mil coisas que a faziam pasmar.

Árvores de Natal, algumas gigantescas, todas refulgentes de lâmpadas, de doirados e prateados... Presépios donde os olhos não podiam arredar-se, extáticos, a alma repassada da paz e do amor que deles emanavam... Mas as primeiras luzes aparciam a encurtar ainda o dia frio e tristonho; era preciso regressar a casa antes que o pai lhe estranhasse a demora. E arrancando-se à contemplação dumha montra onde um Menino Jesus, tão lindo, se encontrava cercado de flores maravilhosas, a Lindita por pouco não deu um grito: a cerca de vinte passos vinham ao seu encontro o pai e o irmão. Nas mãos tinham arroxeadas da criança estavam a estampa e a senha. Onde escondê-las?... Não tinha bolso... No corpete?... Mas os olhos do pai, encolerizados, vinham já sobre ela. Junto do passeio estacionava um automóvel.

Disfarçadamente, como que a desviar-se dalgum transeunte, chegou-se para o carro e, sem mesmo ver se estava ou não ocupado, lançou para dentro os seus prémios que, desde o primeiro instante, quasi lhe pareciam castigos.

— Deolinda Nogueira de Brito.

Dentro do automóvel uma senhora idosa apanhara os papéis que lhe tinham vindo cair no regaço e lia e relia aquêle nome encimado pelo carimbo da igreja paroquial mais próxima e seguido das palavras: «Prémio duma camisola conferido por aplicação e aproveitamentos». No verso da estampa lia-se o mesmo nome e o seguinte: «Comportamento exemplar e piedade».

— Deolinda Nogueira de Brito!

E uma série de recordações affluía ao espirito daquela senhora. Era o nome da nora cuja péssima educação fora, talvez simplesmente, causa da infelicidade própria e de toda a família.

Pouco depois de casada levava o marido a romper com os pais. Gastos loucamente alguns bens que possuíam, abandonara ela o lar para entrar numa empresa cinematográfica e três anos depois vinham os sogros também a saber que a desgraçada falecia na América. Nada mais constara nem sequer se tinha deixado filhos. Que seria feito do viúvo que, sem dúvida vítima do seu orgulho, nunca mais procurara os pais?

Agora, ali, aquêle nome... Seria simples coincidência?...

O motorista saiu da loja, ajojado com emburros, e começou a metê-lo no carro.

— Faça favor, disse a senhora, pergunte onde mora o pároco desta freguesia, sim? Preciso falar-lhe imediatamente.

No seu misero cubículo a Lindita que só alta noite tinha conseguido adormecer acordou cedo ao repicar alegre dos sinos. Dia de Natal... As igrejas que certamente teriam estado cheias na Missa do Galo voltariam a encher-se por toda a parte a todas as outras missas. E ela... que faria? Iria também! O pai e o irmão não trabalhavam; dormiriam até tarde... e ela voltaria num instantinho!

Vestiu-se à pressa, passou à oficina vagamente iluminada pela bandeira da porta da rua, mas não safu logo.

Com que ternura desde a véspera a Lindita olhava os utensílios ali dispersos e que vira, na sua estampa-prémio, manejados pelo Menino Jesus e por S. José! E não se teve que de novo não fizesse uma carícia no que encontrou mais à mão — a serra, uma plaina, o martelo e até o maço cuja pancada a fazia sempre estremecer.

Mas um automóvel parava à porta e alguém batia. Lindita, assustada, ali ficou pregada ao chão, a ouvir o pai levantar-se... Batem segunda vez e lá vem ele, resmungando, abrir a porta. Um casal idoso que desceira do carro estende-lhes os braços.

— Deolinda... minha querida netal

— Meu pobre filho!...

E as lágrimas, de parte a parte, foram mais abundantes que as explicações. Duas horas depois, Lindita, ostentando radiante a sua camisola, assistia à Santa Missa na própria igreja que frequentara a ocultas do pai, entre este e a avó, enquanto na sua frente a cabeça negra do irmão se inclinava ao lado da cabeça nevada do avó.

A inocência e a piedade de Lindita e a sua frequência à catequese tinham merecido aquêle novo Natal, tinham feito aquela ressurreição.

M. de E.

Este número foi visado pela Censura

A humanidade em volta do Presépio

Mais alguns dias e vamos comemorar a festa do Natal.

Festa que, na sua história, conta já vinte séculos de existência, a humanidade não se farta de a celebrar.

Festa vulgar em si e no facto que lhe deu origem — o nascimento dum menino — o mundo aguarda-a sempre com ansiedade e alvoroço e, rejubilando com o raiar do tão belo e santo dia, prostra-se em adoração diante do berço dessa terra e misteriosa criança que, com a sua beleza e encanto, atrai as atenções de todos para a gruta de Belém, e, nesta quadra bendita do Natal, faz girar toda a vida da humanidade em volta do Presépio.

Em volta do Presépio vivem as crianças que, de noite, quasi nem dormem ansiosas por saber que prenda lhe irá pôr o Menino Jesus no sapatinho ao canto da chaminé.

Em volta do Presépio vivem os pais para quem a família tem, nesse dia, a consagração máxima da sua alegria e bem estar. Estão os presentes, vêm os ausentes e todos se juntam, em alegre convívio, pois o Natal é a festa da família.

Em volta do Presépio vivem os pobres a quem a caridade — a grande e sublime Caridade cristã — leva pelo Natal um pouco mais de alegria e de conforto. Alimentos, vestuário, tudo entra, nesse dia, em maior quantidade e melhor qualidade, no tugúrio muitas vezes infecto dos desherdados da fortuna.

Em volta do Presépio vivem os ricos que nesta altura dão largas à sua generosidade e vão aliviar, com as suas esmolas, a indigência e a miséria dos necessitados.

Em volta do Presépio vivem os asilos, as cadeias e os hospitais, pois por mais abandonados e esquecidos que sejam nestas casas os recolhidos, sempre há no dia de Natal quem se lembre deles, quem, em mimos de toda a espécie, lhes vá levar um pouco de consolação e alívio.

Mas seria erro julgar que para aqui a influência do recém-nascido de Belém. Em sinal de respeito pelo Presépio, suspende-se, muitas vezes, a luta no campo de batalha e, por reverência para com Aquêlle em volta de cujo berço se ouviu pela vez primeira o hino de «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens», o soldado depõe as armas, para confraternizar, quem sabe se com o próprio inimigo, como ainda na Grande Guerra sucedeu.

Em volta do Presépio (e para que

estará a fazer maior enumeração?) vive, numa palavra, o mundo inteiro.

O mundo material que, nesta altura, atinge uma vida e um movimento extraordinários com as lotarias e «sortes grandes» que trazem meia humanidade em suspenso; com as lojas e armazéns inundados por torrentes humanas que tudo compram e tudo levam para festejar condignamente tão grande dia; com combóios, automóveis, aviões e toda a espécie de transportes a trabalhar ao máximo do seu rendimento, porque todos querem ir passar o Natal a suas casas; com correios, telégrafos e telefones em laboração continua porque todos querem mandar aos seus noticiados de saúde e votos de Boas-Festas.

E o mundo espiritual? Ah! desse nem é preciso falar... Tempo santo, tem o condão divino de arrancar o homem às materialidades da terra e levá-lo a gozar as alegrias do espírito. A humanidade deixa as suas tribulações e tristezas, parece mesmo despir-se de si própria, para só cantar a alegria e o amor. Os homens esquecem os seus ódios e egoísmos para se darem à prática da caridade e a terra, triste vale de lágrimas, converte-se, então, em santo paraíso em que os homens se tratam como anjos.

Oh! quem dera que a humanidade pudesse viver constantemente em perpétuo Natal...

E afinal, qual a razão desta atracção irresistível para o Presépio, desta gravitação constante da vida humana em volta do improvisado e pobre berço da gruta de Belém, desta vida e deste movimento extraordinários, desta alegria e deste amor celestiais?

— O nascimento dum menino!!!

Mas que tem de extraordinário a entrada duma criança na vida, se o mundo está a ver nascer gente a todas as horas e instantes, se se contam em dezenas de milhar os que diariamente abrem os olhos à luz da existência?

E que esse Menino do Presépio de Belém não é um menino vulgar, um menino como os outros.

Esse Menino, que o mundo venera, adora e ama, é o Enviado de Deus, o Filho Unigénito de Deus, o Verbo Divino incarnado que vem à terra, para arrancar o homem à escravidão do pecado e do inferno a que fóra reduzido pela desastrosa queda de Adão no paraíso terreal.

E Deus feito homem por amor dos homens.

E o Messias Redentor, o Prometido de Jehovah, o Anunciado dos profetas, o Desejado das Colinas Eternas, o Instaurador dessa «idade de ouro» cantado e esperado pelos pagãos, aquêlle Menino que, ao nascer, havia de criar uma grande ordem de séculos», como anunciava Virgílio, numa das suas Eglogas.

Efectivamente o nascimento de Jesus marcou a implantação duma nova era.

Ao fim de quarenta séculos o mundo encontrou finalmente um ponto de referência pelo qual contasse seus dias e hoje em, toda a parte se enumeram os anos pelo aparecimento do Menino Deus, em toda a parte se faz girar a engrenagem do tempo em volta do Infante Divino.

E ainda, mais uma vez o repetimos, a humanidade em volta do Presépio.

A. L.

FALA UM MÉDICO

XXXII

Cuidado com a língua

Um dos maiores perigos sociais é a incontinência de linguagem. O povo conhece muito bem esse perigo, como demonstram estas frases lapidárias:

- A palavra é de prata; o silêncio é de ouro.
- Palavra fora da boca é pior que pedra fora da mão.
- Pela boca morre o peixe.
- O calado é o melhor.

A pesar-de tão salutar doutrina, o palavrado excita-nos cada vez mais, em casa, na rua, nos jornais, na rádio-telefonía.

Tal excitação pode sair cara: as infinitas questões, que oprimem a humanidade são, em grande parte, devidas a excessos de língua.

Estivemos na iminência de ver estalar uma nova guerra, que seria para o mundo como que um novo dilúvio universal.

Pois estou convencido que esse grande perigo, de que Deus nos livrou, em grande parte seria obra dos

excessos de linguagem dos grandes da terra.

No meio de tão grande excitação colectiva, destacou-se, pelo seu contraste, a voz, fatigada mas sempre luminosa, do Santo Velhinho do Vaticano.

Vem aí o Natal e todos precisamos de ouvir a sua voz autorizada, que não é mais que a voz eternamente verdadeira do Evangelho:

Glória a Deus nos alturos e, na Terra, paz aos homens!

Que felizes nós seríamos se a nossa língua não se exercitasse senão em louvar a Deus e pregar a paz e concórdia entre os homens...

Todos lucraríamos se se falasse menos.

Até o insensato, diz a Escritura Sagrada (Provérbios, XVII, 28), até o insensato passará por sábio, se estiver calado; e por inteligente, se cerrar os seus lábios.

P. L.

Uma peregrinação

(Continuação da 2.ª pag.)

víamos brilhar em seus rostos. Fé, esperança, e ainda mais uma resignação sobrenatural na vontade Santíssima de Deus.

Aí estava uma jovem no último grau de tuberculose. A pouco e pouco rolam-lhe pelas faces duas grandes lágrimas, mas tem o sorriso nos lábios. Um rapaz com um pé torcido senta-se numa cadeira de inválidos, de cabelos negros, cabeça inclinada para baixo, o rosto entre as mãos, em atitude de quem ora com intensidade. Homens, mulheres e crianças, desfigurados, cessaram de ser objecto de compaixão e tornam-se dignos da nossa reverente admiração. Que fé! «Nossa Senhora da Fátima, tendo piedade de nós! Senhor eu creio em vós!... aumentai a minha fé». A missa acabou. Com toda a reverência o Sr. Bispo, trazendo a Custódia, desce lentamente a escadaria. É a Bênção do Santíssimo aos doentes. Com paz e bondade para

diante de cada doente e dá-lhe a bênção com o Senhor. O tempo parece que parou. Transportamo-nos à Palestina e vemos a Jesus entre os doentes. «Filho de David, tende compaixão de nós!» Ouvimos os seus clamores. Vemos os seus rostos. Quasi que tocamos os seus vestidos brancos. Sem acanhamento e cheias duma satisfação indescrevível soluçamos em voz alta e prostramo-nos no pó da terra. E, como em gritos, a oração, saiu-nos dos lábios «Filho de David, tende compaixão do mundo! Cura! as suas profundas feridas. Cura! a sua loucura, a sua cegueira, a sua surdez. Convertai-o para vós, meu Senhor e meu Deus!»

A bênção terminou, e terminou também a peregrinação. O automóvel desce, velozmente a alcantilada serra para os férteis vales e para o mar azul e frescas praias.

Os corações sentem-se renovados numa eterna visão de esperança e fé. Nossa Senhora da Fátima, roga! por nós!

(Mensageiro do Coração de Jesus U. S. A.)

O RECREIO

Natal de 1938. Comemoramos este mês o nascimento de N. S. Jesus Cristo, a figura mais notável e discutida da Humanidade.

Prometido por Deus a seguir à queda dos nossos primeiros pais, profetizado e esperado durante quarenta séculos, chegada a plenitude dos tempos» o «Verbo de Deus fez-se carne e habitou entre nós», morrendo para nos resgatar.

E, desde então, nunca mais ao seu divino Ser faltaram o amor e as adorações, os ataques e os ódios.

Para os seus discípulos, Cristo é Deus-Filho, a Segunda Pessoa da SS.ª Trindade — «Uma, verdadeira e sempiterna Divindade, adorada conjuntamente na Propriedade das Três Pessoas, na unidade da Essência e na igualdade da Majestade».

Para outros, Jesus é um louco, um impostor, e alguns chegam a querer que ele nunca tivesse existido!... Há ainda os que lhe chamam «um enviado de Deus» ou... «um grande filósofo».

Para aquêles... que responder? Não se deitam pérolas... fora. Para estes muito havia a dizer!

Contudo, uns e outros, mau grado seu, incomodados e impressionados com esta figura grandiosa, dão-lhe, então, os mais mesquinhos ou os mais belos epítetos, na ânsia de diminuir ou explicar a personalidade ÚNICA de Jesus. Mas, no fundo da sua razão, os primeiros sentem, com raivosa impotência, que os epítetos mesquinhos não O atingem, e os segundos devem confessar que as palavras — as mais nobres e brilhantes! — são insuficientes para definirem o Ser e a Vitória divina e perene de Cristo! Uns, odeiam-no porque O sentem vivo e radioso a julgá-los no mais recôndito das suas miseráveis consciências. Outros, forçados a admirá-lo, temem-no vagamente e então... chamam-lhe um grande filósofo, ou um enviado de Deus.

— Enviado do Céu? Houve tantos! A qual deles é Cristo semelhante? A que categoria pertence? E pouco, para Jesus.

É certo que nos foi enviado pelo Pai, como tantas vezes o Salvador afirmou. Mas, como supremo e especialíssimo embaixador, o seu próprio Filho, no qual «foram postas todas as complacências», a quem «foi dado todo o poder na Terra e o Céu», e tão unido e identificado ao Pai que, da própria boca de Jesus, foi afirmado: «quem me vê, vê também o Pai... Eu estou no Pai e o Pai está em mim. E quem me vê a mim, vê aquêlle que me enviou». (S. João, XIV) Unos na essência divina.

— Um grande filósofo?! Só? Para «o Filho do Altíssimo», nada é! Não há filosofia, nem mesmo a de Jesus, que baste para explicar integralmente a constância da sua Glória e a personalidade do «Unigénito de Deus». A doutrina de Cristo derrotou completamente a poderosíssima força dos Césares-deuses e a dissoluta Civilização pagã. Derrubou-lhe os altares, reduzindo a figuras grotescas ou apenas literárias, os velhos deuses seculares, e absorveu-a transfigurou-a!

Só Cristo conseguiu vencer... morrendo! E continuar vivo, há vinte séculos, incessantemente discutido e odiado, mas também seguido e amado ardentemente por milhões de amigos fiéis, de todas as mentalidades, classes e raças — para muitos e muitos dos quais, nada no mundo valeu e vale tanto como a Fé com que creem nele, a Esperança firme que depositam nas suas palavras e promessas, e a Caridade ardente com que O amam e O seguem, dando-lhe testemunho com a própria vida, quando é necessário!

Que espírito, ainda o maior, pode aproximar-se sequer em semelhança ao do Filho de Deus, senão os que O adoram e se intitulam apenas seus servos — os santos?!

E, no entanto, sendo eles o que a humanidade tem de mais alto e de melhor — verdadeiros génios da Caridade e de fecunda beleza moral — não passam de reflexos humanos do divino Ser de Jesus!

Onde está a acção tão profunda e ininterrupta, universal e constante, duma influência igual ou até parecida à Acção de Cristo, exercida século a século, no passado, que o esperou, no presente que dá vívido testemunho dessa acção, e no futuro, pode concluir-se com segurança?!

Houve grandes pensadores, heróis, estadistas, génios da poesia, da arte, da ciência, é certo. E, contudo, a grandeza desses não está, por assim dizer, adstrita às suas respectivas épocas? Vivem na história apenas e não no coração e na vida dos homens, estagnados numa época ou sector da civilização humana. São lembrados com orgulho, admiração, sim, mas não amados, actuais e influindo sempre e tudo dominando, como Cristo!

«Eu estarei convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos». E é verdade!

Os enviados de Deus cumprem a sua missão e passam.

Aquêles que influem na marcha da civilização, brilham e soem-se, depois da sua influência ter dado todo o fruto, bom ou mau, que humanamente podem dar, e lá ficam cristalizados no seu tempo ou no âmbito da sua acção. Outros enviados surgem para necessidades de momento. Brotam novas influências, novas lutas, novas estrelas de glória... que se irão por sua vez.

Só Cristo permanece «o CAMINHO a VERDADE e a VIDA», perenemente!

Só o Filho de Deus é o «eterno alvo de contradições», segundo a profecia.

Só Jesus VIVE — na rigorosa acção, humana e divina, da palavra — e o âmago de todas as virtudes, a força de todos os movimentos, o impulso de todas as ascensões. Nenhuma ideia nova pode passar jamais sem tropeçar na sua doutrina e lá ir buscar o que apresenta de bom, pagando-lhe o tributo certo, e girando à volta do divino Ser de Jesus.

Só Cristo deu ao mundo uma doutrina e uma vida novas. Depois dele, fora dos seus ensinamentos, só têm aparecido enganos ou fraudes disfarçadas.

Só Cristo trouxe e dá o Amor. E tão fecundo que é uma verdadeira Fonte da Vida! Jesus é amado com igual pureza e paixão, nos corações dos homens, das mulheres e até das crianças. E trabalha-se, renuncia-se, com sobre-humano heroísmo, e morre-se, sempre, com magnífica generosidade, por Cristo, sempre! Não se lhe tem um amor morto! Mas sim um amor vivo, donde brotam todas as boas obras e bons sentimentos, pelo qual se fazem todos os sacrifícios, a que se consagram radiosidades, fortunas, inteligências, vidas inteiras! N. S. Jesus Cristo é amado e adorado como um Ser divino e poderoso, mas terno, vivo e próximo de nós! É-nos familiar a sua presença, o seu amparo e conhecemos a sua ternura!

Amamos o adoramos Cristo — verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Tiragem da "Voz da Fátima", no mês de Novembro

Algarve	5.810
Angra	20.699
Beja	3.715
Braga	87.576
Bragança	15.112
Coimbra	16.532
Évora	5.407
Funchal	18.894
Guarda	24.406
Lamego	13.108
Leiria	16.854
Lisboa	11.675
Portalegre	11.126
Pôrto	61.405
Vila Real	30.833
Viseu	10.951
Total	354.083
Estrangeiro	3.640
Diversos	15.777
Total	373.500